

**TRADUÇÃO
E NARRATIVA**

Conselho Editorial

Alastair Pennycook

Allen Quesada

Ana Nery Damasceno Noronha

Ana Sousa

Antonieta Heyden Megale

Aparecida de Jesus Ferreira

Beatriz Gama Rodrigues

Carmen Jená Machado Caetano

Cátia Regina Braga Martins

Daniel Silva

Dllubia Santclair

Elaine Fernandes Mateus

Elkerlane Martins de Araújo

Fernanda Coelho Liberali

Joaquim Dolz

Kleber Aparecido da Silva

Lauro Sérgio Machado Pereira

Li Wei

Lynn Mário Menezes de Sousa

Gabriela A. Veronelli

Gisvaldo Araújo Silva

Manuela Guilherme

Reinildes Dias

Ofélia Garcia

Oseas Bezerra Viana Jr.

Paula Maria Cobucci Ribeiro Dias

Paulo Massaro

Renato Cabral Rezende

Rodriana Costa

Rosana Helena Nunes

Rosane Pessoa

Ryuko Kubota

Sávio Siqueira

Sweder Sousa

Tatiana Dias

Veruska Machado

Vilson Leffa

Viviane Resende

Cynthia Beatrice Costa
Lenita Maria Rimoli Pisetta
(organização)

**TRADUÇÃO
E NARRATIVA**

MERCADO[®]
LETRAS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Tradução e narrativa [livro eletrônico] / Cynthia Beatrice Costa, Lenita Maria Rimoli Pisetta, (organização). – Campinas, SP : Mercado de Letras, 2022.

ePub

Vários autores.

Bibliografia.

ISBN 978-85-7591-653-7

1. Linguagem e línguas 2. Linguística 3. Narrativas
4. Tradução e interpretação I. Costa, Cynthia Beatrice.
II. Pisetta, Lenita Maria Rimoli.

22-129252

CDD-418.02

Índices para catálogo sistemático:

1. Tradução e narrativa : Linguística 418.02

capa e gerência editorial: Vanderlei Rotta Gomide

preparação dos originais: Editora Mercado de Letras

revisão final: dos autores

bibliotecária: Eliete Marques da Silva – CRB-8/9380

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001

apoio

**Programa de Pós-Graduação em
Letras Estrangeiras em Tradução – LETRA/USP**

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

VR GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

www.mercado-de-lettras.com.br

livros@mercado-de-lettras.com.br

1ª edição

2 0 2 3

FORMATO DIGITAL

BRASIL

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.
É proibida sua reprodução ou armazenamento parcial ou total ou transmissão de qualquer meio eletrônico ou qualquer meio existente sem a autorização prévia do Editor. O infrator estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| APRESENTAÇÃO | 7 |
| <i>Lenita Maria Rimoli Pisetta</i> | |
| O PROBLEMA ADAPTATIVO DO NARRADOR NÃO CONFIÁVEL | 15 |
| <i>Cynthia Beatrice Costa</i> | |
| DO LIVRO À TELA: BREVE ESTUDO SOBRE UMA ADAPTAÇÃO TELEVISIVA DO CONTO “ THE BLUE CROSS”, DE GILBERT K. CHESTERTON | 47 |
| <i>Aline Milani Romeiro Pereira</i> | |
| O TRADUTOR E AS VOZES NARRATIVAS E M <i>LE LIVRE DES FUITES</i> , DE J.M.G. LE CLÉZIO | 63 |
| <i>Tania Mara Antonietti Lopes</i> | |
| AMOR E AMIZADE, FILME DE WHIT STILLMAN, E <i>LADY SUSAN</i> , ROMANCE DE JANE AUSTEN: UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE UMA ADAPTAÇÃO E SUA FONTE LITERÁRIA | 89 |
| <i>Élines Francisca Pereira Nojiri</i> | |

| | |
|---|-----|
| OS COMENTÁRIOS DO DIRETOR COMO FONTE PRIMÁRIA DE ANÁLISE DE UMA ADAPTAÇÃO AUDIOVISUAL: <i>JANE EYRE</i> (1847), DE CHARLOTTE BRONTË, E SUA VERSÃO CINEMATOGRAFICA DE 2011, DIRIGIDA POR CARY JOJI FUKUNAGA. | 115 |
| <i>Adriana Mayumi Iwasa Braccini</i> | |
| | |
| O DISCURSO INDIRETO LIVRE NA PROSA CHINESA DE FICÇÃO: DOIS EXEMPLOS EM <i>CIDADE FRONTEIRIÇA</i> , DE SHEN CONGWEN. | 137 |
| <i>Amilton Reis</i> | |
| | |
| OS LEITORES IMPLÍCITOS DE <i>F(1)EBRE TROPICAL</i> | 153 |
| <i>Cecília Fischer Dias</i> | |
| | |
| SOBRE OS CLICHÊS DO CONTAR E DO MOSTRAR: O CASO DE <i>2001: UMA ODISSEIA NO ESPAÇO</i> | 177 |
| <i>Gustavo Katague</i> | |
| | |
| <i>THE INNOCENTS</i> , UMA ADAPTAÇÃO FÍLMICA DE <i>THE TURN OF THE SCREW</i> , DE HENRY JAMES | 195 |
| <i>Danilo de Oliveira Santos</i> | |
| | |
| SOBRE OS AUTORES | 229 |

APRESENTAÇÃO

O volume que se apresenta é fruto de um trabalho intenso e desafiador durante um curso de pós-graduação, ministrado no segundo semestre de 2021, pelas professoras Lenita Maria Rimoli Pisetta (Universidade de São Paulo) e Cynthia Beatrice Costa (Universidade Federal de Uberlândia). No segundo ano da pandemia e transmitindo as aulas *online*, pudemos receber alunos de todo o país, muitos dos quais não poderiam ter estado nas dependências da USP, como seria antes desse acontecimento inesperado que causou tanto impacto em todos nós. A classe ficou maior que um grupo médio de estudantes de pós-graduação, atingindo o número de quase 40 alunos, dos quais alguns já estavam em programas de pós-graduação e outros eram “aspirantes”.

O curso em si foi inspirado no estágio de pós-doutoramento que a professora Cynthia realizava na época, sob a orientação da professora Lenita. O tema da pesquisa é “O uso do *voice-over* na adaptação fílmica e a hipótese do ‘filme-romance’”.

Partindo de uma preocupação específica com a instância narrativa de obras literárias, Cynthia busca explorar o que acontece com os diversos narradores quando uma narrativa escrita é transformada em filme. Mais especificamente, propõe a investigação da hipótese de que adaptações fílmicas baseadas em obras literárias canônicas tendem a transpor para o meio audiovisual recursos

narrativos próprios do romance, como a narração em primeira ou terceira pessoa ouvida em *voice-over*. O resultado desse processo seria um híbrido que ela sugere chamar de “filme-romance”.

Assim foi se formando a concepção do curso “Tradução e Narrativa”, que investigaria como diversos tipos de narradores (segundo várias propostas teóricas) são afetados ou transformados quando uma obra é traduzida. Obviamente, uma parte do curso explorou as discussões sobre as adaptações audiovisuais de romances, ou, como preferem alguns, as traduções intersemióticas do meio escrito para o audiovisual. Também foram discutidos conceitos clássicos como os de narrador em primeira e em terceira pessoa, o discurso indireto livre, autor implícito e narrador não confiável, todos eles articulados com alguma forma de refração intramidiática ou intermediática.

Dessas muitas discussões, surgiram trabalhos finais que se destacaram e que disponibilizamos neste volume. Esses trabalhos, que em sua maioria são de pessoas que ainda não trilharam o trajeto completo de uma pós-graduação, demonstram o entusiasmo de pesquisadores em formação e, se às vezes não são tão bem-acabados como se esperaria que fossem os trabalhos dos intelectuais já formados, mesmo assim merecem divulgação, pela sua originalidade e vigor. Os trabalhos foram cuidadosamente discutidos entre as professoras e os autores, passando por aperfeiçoamentos e remodelagens, num processo metódico e cheio de paciência.

A coletânea abre com “O problema adaptativo do narrador não confiável”, texto da Profa. Cynthia Costa sobre o impasse de como “transportar” um narrador não confiável para as telas. Como estudos de caso, ela traz os romances *Lolita*, de Vladimir Nabokov, e *Dom Casmurro*, de Machado de Assis. Embora esses dois romances tenham sido adaptados mais de uma vez, as obras audiovisuais escolhidas foram o filme *Lolita* de Stanley Kubrick (1962) e *Capitu* (2008), minissérie dirigida por Luiz Fernando Carvalho. Costa argumenta que

na falta de outra fonte, adaptadores se veem obrigados a confiar, ao menos em parte, no que dizem os narradores, ora caindo em suas armadilhas, ora tentando driblá-las, sob o constante risco de reduzir as nuances que, justamente, tornam os romances atraentes.

Com narradores pouco confiáveis como Bento Santiago e Humbert Humbert, a coisa se complica. A autora conclui que “os objetos de obsessão dos narradores ganham vida, mas não autonomia”.

Em seguida, continuado no campo das adaptações audiovisuais de narrativas literárias, temos “Do livro à tela: breve estudo sobre uma adaptação televisiva do conto ‘The Blue Cross’, de Gilbert K. Chesterton”, de Aline Milani Romeiro Pereira. O conto de Chesterton faz parte de uma série de histórias sobre o Padre Brown, um “padre-detetive” cuja perspicácia supera a dos detetives profissionais, fato que ele atribui ao seu conhecimento da alma humana, adquirido em sua atividade como confessor. Esse conto, que já foi relançado sob a forma de livros, audiolivros, novelas de rádio, filmes para o cinema e minisséries para a TV, é analisado em contraste com um episódio da série *Father Brown*, estrelada por Mark Williams e veiculada pela BBC desde 2013, bem como exportada para vários países, inclusive para o Brasil. Pereira argumenta que há muitas diferenças entre o conto e o episódio televisivo que não se devem a essa transposição, mas sim a possíveis decisões dos realizadores, que certamente estavam preocupados em cativar uma audiência significativa. A narrativa do episódio apresenta pontos de vista diferentes em relação ao que vemos no livro, não se concentrando tanto na genialidade dos protagonistas. A ação se torna mais complicada, tem mais personagens, mas apresenta também uma certa dispersão dos acontecimentos. Traz mais aspectos didáticos que, provavelmente, podem preencher possíveis lacunas de entendimento para o espectador, considerando a duração do episódio e a necessidade de atrair e manter a atenção do público.

Apesar disso, Pereira julga que a produção é bem realizada, o que se demonstra pelo sucesso da série em vários lugares do mundo.

Há, além desses estudos na área da adaptação audiovisual, os artigos que focam na relação entre tradução e narrativa literária. A partir da proposta de uma tradução comentada de *Le livre des fuites*, do ganhador do prêmio Nobel J.M.G. Le Clézio (2008), proposta essa que é tema de seu doutorado no programa de Pós-graduação em Letras Estrangeiras e Tradução, Tania Mara Antonietti Lopes defende a necessidade de se reconhecer, nas narrativas traduzidas, a voz do tradutor. Com base nos artigos de Theo Hermans e Giuliana Schiavi, publicados em conjunto no volume 8 da revista *Target* (1996), Lopes argumenta que o “tradutor implícito”, paralelo ao “autor implícito” da obra original, deve ser reconhecido como “categoria narrativa e instância textual”. Examinando a singularidade do pronome “on” francês e a versatilidade de suas possíveis traduções para o português, a autora justifica o reconhecimento da instância textual “tradutor implícito”, já que caberá ao tradutor decidir como traduzir esse pronome, e essas decisões influenciarão o modo como o narrador se apresenta na tradução.

Elines Francisca Pereira Nojiri analisa em seu trabalho uma adaptação fílmica feita a partir de uma obra da chamada “juvenília” de Jane Austen. Em “*Amor e amizade*, filme de Whit Stillman, e *Lady Susan*, romance de Jane Austen: um estudo comparativo entre uma adaptação e sua fonte literária”, Nojiri discute como Whit Stillman, diretor do filme, adaptou uma novela epistolar, que portanto não conta com um narrador, para um filme. A clássica substituição do narrador em terceira pessoa da obra literária pela câmera no filme não pode acontecer nesse caso, porque faltaria o elemento a ser substituído, justamente o narrador. Stillman dá a seu filme o título de *Amor e amizade*, que é outra história da juvenília austeniana, e que também é um romance epistolar, mas de enredo completamente diferente. Stillman, ao que parece, não explica o motivo dessa escolha. A autora discute como uma obra tão amplamente lida e apreciada como a de Austen acaba criando certas

expectativas de fidelidade por parte do diretor da obra audiovisual. E demonstra como, mesmo tomando francas liberdades, Stillman consegue atingir um equilíbrio entre tradição e inovação, ativando “a autoria de Austen na mente do espectador ao mesmo tempo em que imprime de forma distinta a percepção de uma nova presença autoral”.

Adriana Mayumi Iwasa Braccini faz em seu artigo uma proposta original, usando como base o argumento de Jeremy Munday de que depoimentos “abertamente mediados” ou “menos abertamente mediados” produzidos por um tradutor alimentam a “micro-história” de uma tradução. Tomando de empréstimo essa ideia, em “Os comentários do diretor como fonte primária de análise de uma adaptação audiovisual: *Jane Eyre* (1847), de Charlotte Brontë, e sua versão cinematográfica de 2011, dirigida por Cary Joji Fukunaga”, Braccini propõe-se a construir a micro-história dessa adaptação fílmica do clássico de Brontë. Por meio da análise das cenas e trechos do livro, a autora desafia os clichês apontados por Linda Hutcheon, demonstrando que eles não passam mesmo de clichês que, muitas vezes, trabalham para diminuir o *status* da adaptação fílmica em relação a sua obra literária fonte. Além disso, com base em leituras críticas de resenhas que foram publicadas em jornais e revistas de grande circulação, a autora examina como o filme foi recebido.

Amilton Reis apresenta em seu artigo uma instigante discussão sobre como se cria o efeito de discurso indireto livre na língua chinesa, que não tem marcadores morfológicos de categorias gramaticais como tempo, modo e pessoa verbais. Em “O discurso indireto livre na prosa chinesa de ficção: dois exemplos em *Cidade Fronteira* de Shen Congwen”, o autor explica, por meio de traduções que reproduzem o funcionamento da língua chinesa, como se pode perceber essa “apropriação” do discurso do narrador na fala dos personagens. Além disso, Reis traz um histórico da adoção da língua vernácula chinesa pela literatura, em que dominara o chinês clássico por mais de 20 séculos.

Em “Os leitores implícitos de *F(i)ebre tropical*”, Cecília Fischer Dias analisa a obra original *Fiebre tropical*, escrita por Julián Delgado Lopera em “españolês” (*Spanglish*), que narra a vida de uma imigrante colombiana morando em Miami. Assim, o uso de uma forma híbrida do inglês e do espanhol é deliberado nesse livro, que foi publicado nos EUA em 2020. Sua tradução para o português, *Febre tropical*, foi feita por Natalia Borges Polesso e publicada em 2021. Surge uma questão de fundo importante, justamente a do encontro das duas línguas e da sua contaminação mútua. Outra questão que fica clara é que o leitor implícito de *Fiebre tropical* não pode ser o mesmo leitor implícito da tradução da obra, *Febre tropical*. Dias se vale também (como fez Tania Mara Antonietti Lopes), dos ensaios de Theo Hermans e Giuliana Schiavi, que defendem o reconhecimento da categoria narrativa (e instância textual) do leitor implícito da tradução. No caso em discussão, do leitor implícito da tradução para o português do Brasil, espera-se a compreensão do português, mas não necessariamente a do inglês e a do espanhol. Justamente por isso, a tradução traz notas de rodapé e também um glossário que explica termos que possam soar estranhos ao leitor, bem como vocábulos do espanhol que se parecem com palavras do português, em virtude da semelhança entre as línguas. Os paratextos que acompanham a tradução evidenciam uma diferenciação entre os dois leitores implícitos, o do texto original e o da tradução.

Na sequência, Gustavo Katague nos traz um estudo sobre *2001: Uma odisseia no espaço*. O que torna singular esse estudo de caso é que não se pode afirmar que o filme de Stanley Kubrick é a adaptação de uma narrativa literária. Isso porque o roteiro do filme (Kubrick) foi escrito paralelamente ao romance de Arthur Clarke, ambos lançados em 1968. Em “Sobre os clichês do *contar* e do *mostrar*: o caso de *2001: uma odisseia no espaço*”, Katague esclarece como se deu esse processo duplo cujos resultados são paralelos, mas não idênticos. Há muitos aspectos em que filme e livro se distanciam, o que mostra que os autores desenvolveram um trabalho articulado, mas cada um com considerável independência.

Com base no livro *Uma teoria da adaptação*, de Linda Hutcheon, o autor desconstrói, na mesma linha seguida por Adriana Bracchini, os clichês apresentados pela autora, segundo os quais as obras literárias *contam* uma história, e os filmes a *mostram*. Analisando cenas do filme, ele argumenta que as coisas não são tão estanques assim, e que, por exemplo, valendo-se de recursos como trilha sonora, luzes e focalização, os filmes muitas vezes contam, por imagens, sobre o estado psicológico interno dos personagens, o que os clichês afirmam ser primazia das narrativas escritas.

Por fim, encerrando nossa coletânea, temos o artigo *The Innocents*, uma adaptação filmica de *The Turn of the Screw*, de Henry James”, em que Danilo de Oliveira dos Santos traz dados sobre a famosa novela de James, demonstrando que ela é construída com base em ambiguidades: estaria a casa onde trabalha a governanta de duas crianças realmente sendo assombrada por fantasmas dos antigos empregados? Ou estaria essa governanta, que é a narradora e que nem nome tem, tendo alucinações? O autor realiza a decomposição de certas cenas em fotogramas e, por meio desse trabalho, prova que *The Innocents*, adaptação cinematográfica de 1961, recria técnicas modernistas e artifícios literários, como o *chiaroscuro* textual, por meio de recursos como iluminação, cenografia e jogos de sombras. As técnicas de mudança de ponto de vista narrativo são reproduzidas no filme por meio de diferentes ângulos, no que o autor chama de “cinema narrativo”, que é estruturado a partir de “protocolos estilísticos incorporados da literatura romântica e realista do século XIX”.

Com esses estudos, esperamos colaborar para os estudos da tradução e da adaptação em sua interface com a narratologia e outras áreas afins. Agradecemos ao programa de Pós-Graduação em Letras Estrangeiras e Tradução (LETRA), pela concessão do apoio financeiro, oriundo da verba CAPES para publicações.

Lenita Maria Rimoli Pisetta